

OUVINDO CRIANÇAS DE UMA TURMA DE 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS SOBRE LEITURA E ESCRITA

DIETRICH, Mara Denise Neitzke¹
PERES, Eliane²

¹Mestranda em Educação PPGE/FaE/UFPel - Bolsista CAPES
maradietrich@gmail.com

²Orientadora Profª. Drª do PPGE/FaE/UFPel
etperes@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa HISALES – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares, da FaE/UFPel, e no Curso de Especialização em Educação: Alfabetização e Letramento, também da FaE/UFPel entre 2009/2010. O trabalho tem por finalidade dar “vez e voz” aos alunos de seis anos que ingressaram, em 2008, em uma turma de 1º ano do ensino fundamental de nove anos (EF9A), em uma escola pública estadual da cidade de Pelotas/RS, que na ocasião participava de um projeto piloto para a alfabetização de crianças com seis anos, promovida pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS), denominada Circuito Campeão, coordenado pelo Instituto Ayrton Senna/SP¹.

O objetivo principal deste estudo é compreender o que as crianças pensam sobre o aprendizado da leitura e da escrita e qual seu sentimento em relação a este processo de ensino/aprendizagem. Além disso, foram incorporadas a este estudo, algumas reflexões pertinentes sobre a infância, embasadas por autores como, ROSEMBERG (1985); KRAMER (2003); ROCHA (2004) e PRADO (2005), que reafirmam a importância da realização de pesquisas com crianças. Esse tipo de pesquisa evidencia a intenção destes autores em superar uma concepção que identifica a criança como imatura, incompetente, inexperiente, em contraposição ao adulto pleno, vendo a infância como uma fase que precisa ser aligeirada e ultrapassada para atingir a idade adulta.

2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Esta pesquisa caracteriza-se, segundo Lüdke e André (1986), como um estudo de caso, no âmbito de uma investigação qualitativa, que tem como interesse valorizar a fala dos alunos de uma turma de 1º ano. A metodologia utilizada neste estudo foram as entrevistas realizadas com as crianças em pequenos grupos, metodologia recomendada por autores como GRAUE e WALSH (2003), focando nas questões relativas ao ano/série que as crianças estavam cursando, como havia sido o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, como percebiam e como se sentiam em relação a esse processo e, de seu ponto de vista, para que serve o

¹ Em novembro de 2007, apresentei o trabalho intitulado: “A implantação do Ensino Fundamental de nove anos em escolas da rede estadual da 5ª CRE: as classes experimentais do projeto Circuito Campeão do Instituto Ayrton Senna SP”, no XVI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E IX ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO – “Pesquisa e Responsabilidade Ambiental” – UFPel, que elucida com mais precisão como ocorreu o processo de implantação do EF9A, no município de Pelotas/RS, nas escolas públicas da rede estadual de ensino.

aprendizado da leitura e da escrita. Ainda foram coletados dados complementares junto aos documentos da escola com relação à idade dos alunos, data de nascimento, o nome das instituições que as crianças frequentaram ou não antes de ingressar na turma de 1º ano.

Ao demonstrar o meu interesse em entrevistá-las, as crianças foram receptivas e com espontaneidade aceitaram o convite para participarem da investigação. Agir eticamente é agir da forma que agimos com as pessoas que respeitamos (Graue e Walsh, 2003, p. 75). Partindo dessa lógica, foi exposto de forma simples e de fácil entendimento, as crianças, qual era o objetivo da pesquisa e cada uma foi novamente consultada sobre o seu interesse em participar ou não da investigação. Todas as crianças, sem restrições, aceitaram participar deste estudo. Além disso, também foram solicitadas as autorizações aos responsáveis.

Fez-se uso do gravador e do diário de campo para registrar as falas das crianças, para que fosse possível transcrever as respostas sem excluir nenhum detalhe, e para poder compreender melhor quais são os significados de aprender a ler e a escrever para essas crianças de seis anos, agora imersas numa nova perspectiva de ensino fundamental. Neste trabalho, por uma opção conjunta com as crianças foi utilizado o primeiro nome dos alunos, fato que possibilita identificá-las sem expô-las. Acredito que seria mais relevante legitimá-las como autoras de suas falas, uma vez que a pesquisa não tem caráter denunciatório e não põe em risco à integridade dos alunos (Kramer, 2002).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados obtidos evidenciaram que de um universo de vinte alunos entrevistados, quinze ingressaram aos seis anos de idade no 1º ano do EF9A. Destes vinte alunos, dezesseis tiveram algum contato com o universo escolar antes de ingressar no 1º ano, em instituições voltadas para o atendimento da educação infantil. Doze alunos frequentaram instituições privadas de ensino, enquanto quatro frequentaram instituições públicas de ensino, sendo que apenas duas dessas instituições tinham o seu ensino direcionado exclusivamente para a educação infantil, a nível municipal, sendo que as outras duas instituições eram voltadas para ensino fundamental, mas que ofereciam turmas de pré-escola. Esse dado já revela a insuficiência do atendimento público a esse nível de ensino. Embora se propague a necessidade e a importância da educação infantil, quatro alunos não tiveram contato anterior com a escola, sendo o 1º ano, a primeira experiência escolar de suas vidas. É pertinente ressaltar, que as crianças de seis anos, pelo que se evidenciou, foram as que tiveram mais acesso e contato com a educação infantil do que as crianças de sete anos.

Os resultados obtidos com as falas dos alunos demonstraram que, de uma turma de vinte alunos, apenas uma menina de seis anos soube responder que estava frequentando o 1º ano, nomenclatura adotada com a mudança do ensino fundamental para nove anos. Quinze alunos responderam estar na “primeira”, referindo-se a 1ª série, os demais não souberam responder sobre sua situação escolar. Outro dado relevante foi à constatação que, dos vinte alunos entrevistados, nove afirmaram estar aprendendo a ler e a escrever, dois alunos consideravam estar aprendendo a ler e a escrever só as vogais, quatro consideravam estar aprendendo a escrever, mas não a ler, os outros cinco alunos responderam que ainda não estavam aprendendo a ler e a escrever ou então que não sabiam. E ao serem solicitados para contar como havia sido este processo de aprendizado da leitura e

da escrita e como estavam se sentindo em relação a esse processo, vários sentimentos apareceram: satisfação, bem estar, mal estar, medo, e até insegurança, que leva a vários questionamentos sobre as possíveis causas da manifestação desses sentimentos.

Em algumas outras falas foi possível perceber o quanto foi significativo para alguns alunos aprender a ler e a escrever o nome dos colegas e de algumas palavras que eram mais significativas para eles como, por exemplo, “*bola, te amo, pipoca*”. O processo de desenvolvimento da língua oral e escrita é amplo e exige que o aluno reflita sobre a estrutura e o funcionamento da língua, levantando hipóteses, questionando, construindo conceitos e não apenas se apropriando da leitura e da escrita de forma meramente mecânica, reproduzindo, copiando e decodificando palavras sem sentido e significado. Este foi um dos aspectos, por exemplo, que motivou a realização dessa pesquisa, sentia a necessidade de saber se os alunos eram instigados a pensar de forma crítica e reflexiva, desde cedo, sobre o quê e como estavam aprendendo na escola e se a escola estava atendendo as necessidades, expectativas e a realidade destes novos alunos de seis anos. Algumas falas, como as citadas abaixo, indicam que a escola ainda se utiliza do método silábico para alfabetizar, apresentando inicialmente as famílias silábicas.

“Ah! Eu aprendi fa, fé, fi, fo, fu, a, e, i, o, u... Deixa eu ver ... xá, xe, xi, xo, xu.”
(Vitor - seis anos)

“Ah! Eu aprendi ma, me, mi, mo, mu, fa, fé, fi, fo, fu.” (Rayana - seis anos)

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 30) também questionam: “até que ponto ainda é sustentável essa ideia de que os alunos precisam passar por estes rituais “*ma, me, mi, mo, mu*” para aprender a ler e a escrever?”. Todo o esforço de ensinar os alunos a ler e a escrever parece estar voltado para a decodificação, e à medida que se entende que ler é decifrar, as práticas de letramento, entendidas como práticas reais de leitura e escrita, acabam ficando desvinculadas da alfabetização. Essa forma de ensino é pouco atrativa para o aluno, pois não os desafia a pensar sobre os usos e funcionamento da linguagem. Na questão em que perguntei aos alunos, para que serve o aprendizado da leitura e da escrita, surgiram muitas respostas advindas de um discurso do senso comum, de adultos, pais e professores.

“É importante ir para a escola para a gente aprender, estudar bastante para se formar, arrumar um emprego.” (Vitor - seis anos)

“Porque quando a gente crescer, a gente pode ter uma vida melhor.” (Milena - seis anos)

“Ah!...[pensando] ...Se eu não estudar eu vou ficar burra!” (Maíara - sete anos)

“Pra aprender. Pra saber ... e para não ser burro.” (Rafael - seis anos)

Esse discurso é pautado na ideia de que precisamos estudar, aprender a ler e a escrever, para ter uma vida melhor, para fazer as tarefas e exercícios da escola, para ter uma formação, para continuar estudando, para estar informado e para poder se comunicar com os outros, para não se tornar uma “pessoa burra”. Discursos que vão constituindo os sujeitos a partir das diferentes realidades e relações que estabelece com os outros na sociedade em que vive. Segundo uma perspectiva bahktiniana, isso mostra o quanto os sujeitos vão constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que estão imersos, e, ao mesmo tempo, suas interrelações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias que estão em relações

diversas entre si (FIORIN, 2008, p. 55). Isso manifesta-se nas falas das crianças entrevistadas.

4. CONCLUSÕES

Em relação à questão que norteou esse estudo, “o que pensam as crianças do processo de aprendizagem da leitura e da escrita no 1º ano do EF9A”, pude constatar que para elas esse processo se define como apenas mais uma etapa na vida delas, pela qual elas precisam passar para conquistarem futuramente um bom emprego, continuarem os estudos, não dependerem do auxílio de terceiros para lerem e terem acesso as informações, e, principalmente, não serem consideradas “burras” e ignorantes, já que este fato mostrou-se recorrente na falas de diferentes alunos. Por fim, este estudo sugere que os educadores procurem ouvir mais as crianças, buscando reconhecê-las como sujeitos de direitos, pois a partir do momento em que nos propomos a ouvir as crianças, o que pensam, sentem, desejam e o que de fato necessitam, estaremos não só tirando-as do silêncio e da exclusão, mas permitindo que suas reivindicações sejam ouvidas, analisadas, compreendidas e atendidas. Contribuindo assim de forma mais significativas para as mudanças no campo na educação, a qual elas fazem parte e são as maiores interessadas em obter um ensino prazeroso e de qualidade.

5. REFERÊNCIAS

- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- GRAUE, Elisabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, Julho 2002, nº 116, p. 41-59. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acessado 15.07.2007.
- KRAMER, Sonia. Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: CAVALIERE, Bazílio; KRAMER, Sônia. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 51-81.
- LÜDKE, Menga. ANDRE, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- PRADO, Patrícia Dias. “A gente gosta é de brincar com os outros meninos!” Relações sociais entre crianças num jardim de infância. **Educação & Sociedade**. Campinas, São Paulo, v. 26, n. 91, p. 683-688, maio/ago. 2005.
- ROCHA, Eloísa Acires Candal. Criança e educação: Caminhos da pesquisa. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (orgs). **Crianças e Miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Portugal: Asa Editores, 2004. p. 245-255.
- ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1985.